

# O ENSINO DE PSICOLOGIA NA FORMAÇÃO DE LÍDERES RELIGIOSOS: SIGNIFICADOS E EFEITOS NA PRÁTICA PASTORAL

Mérlinton Pastor de Oliveira<sup>1</sup>

Nubiorlândia Rabelo Pastor Oliveira<sup>2</sup>

## RESUMO

Cotidianamente o líder religioso cristão atua dando atenção ao ser humano. Contudo, o preparo prévio, ocorrido no seminário, não o capacita suficientemente para lidar com muitas questões que lhe são colocadas pelos fiéis, visto que neste preparo está focada prioritariamente a dimensão espiritual. Assim, o desejo de se sentir melhor preparado para realizar seu trabalho e atender satisfatoriamente as pessoas em suas diversas necessidades tem motivado líderes religiosos a buscarem os recursos e a capacitação em procedimentos que são próprios da Psicologia. O contato com a Psicologia não diminui a importância de sua atividade eclesial, antes, ela é vista por estes líderes religiosos como uma parceira, pois os torna pastores mais eficientes. Embora marcada por momentos de desencontros ao longo do tempo, a relação atual entre a Psicologia e a Teologia tem sido vista por estes pastores como importante, necessária e saudável, visto que ambas têm o propósito de auxiliar o ser humano, e agindo ambas em comum interesse o auxílio proporcionado se torna mais efetivo. Desse modo, este artigo focaliza a importância de se ter disciplinas da área da psicologia estudadas ao longo do curso teologia como fator contribuidor para uma efetiva formação e capacitação do futuro pastor.

**Palavras-chave:** Ensino. Psicologia. Teologia. Prática pastoral.

---

<sup>1</sup> Mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Docente nos Cursos de Psicologia e Teologia (SALT), e Coordenador do Departamento de Pós-Graduação Lato Sensu da Faculdade Adventista da Bahia (FADBA). E-mail: [merlinton.pastor@adventista.edu.br](mailto:merlinton.pastor@adventista.edu.br).

<sup>2</sup> Mestre em Psicologia pela Universidade São Francisco (USF). Docente no Curso de Psicologia e Coordenadora do Curso de Pedagogia da Faculdade Adventista da Bahia (FADBA). E-mail: [gal.oliveira@adventista.edu.br](mailto:gal.oliveira@adventista.edu.br).

## INTRODUÇÃO

Embora marcada por frequentes situações de distanciamento ao longo do tempo, a relação entre a Teologia e a Psicologia tem sido alvo de considerações tanto de muitos psicólogos como de diversos líderes religiosos cristãos, com vistas a uma parceria efetiva. Atualmente, é possível perceber que tanto psicólogos como religiosos deixam transparecer iniciativas no sentido de pesquisar e incorporar às suas práticas conhecimentos de um ou de outro universo, que contribuam para melhorar a qualidade da vida humana. É fato que tal iniciativa não diz respeito a todo psicólogo, nem a todo padre ou pastor, entretanto, representantes de cada domínio estão se dedicando a este diálogo, afinal, *“nenhuma ciência está tão próxima da religião quanto a psicologia”*, afirma Ribeiro (2004, p. 11. Grifo nosso).

Ávila (2007) informa que desde sua origem, a Psicologia mantém alguma relação com a Religião, e Massimi e Mahfoud (1997) esclarecem que ao longo da história da Psicologia sempre houve uma relação estreita desta com a Religião, e que na área da Psicologia cientificamente estruturada a partir dos séculos XVIII e XIX sempre houve psicólogos que demonstraram interesse pelo estudo da religiosidade humana.

Contudo, embora questões relativas à religião merecessem a atenção da Psicologia (particularmente com o desenvolvimento da Psicologia da Religião desde 1880), é por volta dos anos 1960 que este encontro entre Psicologia e Religião se viu mais fortalecido. Foi a partir desta época que um domínio deixou de fazer do outro seu objeto de crítica, e ambos iniciaram *“um diálogo mútuo”*, esclarece Ávila (2007, p. 11). Não um diálogo fácil, mas no qual sobressai o entendimento de que ambos têm um ponto em comum, a busca de sentido do ser humano e de seu bem-estar.

Para Roth (2007), os benefícios dos trabalhos científicos em favor do homem são inúmeros, e, por sua vez, a Religião possibilita experiências incomparáveis. Ele argumenta em favor da ideia de que a ciência, e como parte dela a Psicologia, merece e é digna de respeito afirmando que *“qualquer rejeição generalizada da ciência, não tem cabimento”* (p. 277. Grifo nosso), e que, por sua vez, a Religião atende a necessidades específicas do indivíduo, o que faz dela uma prática presente em todos os momentos da história humana. Para o pesquisador, o entendimento acerca destes domínios possibilita compreender que a Religião não rejeita a ciência como um meio metodológico de produzir conhecimento, mas executa o seu papel que enquanto Religião deve cumprir.

Não é um entendimento simples, pois, como esclarece Brusca (1999; 2005), antes de existirem os profissionais da saúde, as pessoas eram atendidas por curadores que se valiam de práticas definidas em sua cultura: eram os xamãs, curandeiros, religiosos, místicos, entre outros, e a eles acresciam-se as peregrinações às cidades e igrejas santas, e outras práticas. Ao longo de muitos anos o líder religioso local, em determinados lugares, e por diversas práticas, eram tidos como o suporte para a

resolução de toda e qualquer questão, inclusive as de cunho psicológico.

*Antes mesmo do desenvolvimento da psicologia clínica os religiosos já pensavam sobre a condição humana, a natureza do sofrimento e como resolver os problemas da vida. Observamos que o padre, pastor ou rabino funcionavam como os psicoterapeutas de suas congregações. Era com eles que as pessoas se abriam para falar de suas questões mais íntimas não só de foro espiritual, mas de problemas pessoais, familiares, de trabalho, sonhos e desejos (Bruscagin, 1999; 2005, p. 10. Grifo nosso).*

Primon (2000) comenta que na Idade Média, por exemplo, o homem era amparado por referências coletivas como a família e a comunidade local, mas principalmente pela Religião. Era a ela que “*detinha o poder de decisão sobre as ações humanas; por isso, ao mesmo tempo que amparava o homem, também o constrangia, retirando-lhe a capacidade de construir suas próprias referências internas*” (2000, p. 36). Com o passar do tempo, a Religião foi perdendo esse privilégio, visto que o homem foi descobrindo-se capaz de decidir por si mesmo, de perscrutar, e, à medida que a ciência avançava, tornar-se ele mesmo objeto de estudo. Neste contexto, a Psicologia despontou como uma ciência que assumia para si o conhecimento da subjetividade e do comportamento do homem.

Sentindo sua autoridade ameaçada, a Religião reagiu, e esforçou-se para impedir o avanço de ideias que pudessem traçar uma compreensão acerca do homem diferente daquelas propostas por ela. Primon (2000) comenta que a Religião tornou-se, então, o maior obstáculo para o desenvolvimento da ciência. Esse avanço, no entanto, foi inevitável, e pouco a pouco diferentes ramos científicos se estabeleceram e o conhecimento que até então era oferecido pela Religião passou a adquirir um aspecto mais público, mais amplo, e mais racional. A ciência tornou-se a referência do saber, e o mundo e a realidade passaram a ser entendidos a partir dos resultados das pesquisas científicas.

Inserida nesse contexto, “*a psicologia, que durante anos foi parte significativa e integrante da religião, torna-se uma disciplina independente em seu próprio direito*”, comenta Ausubel (1998, p. 125. Grifo nosso). Hurding (1995) considera que em razão disso a Religião passa a olhar para a psicologia como “*intimidante, com gigantes amedrontadores [...] e antropologias concorrentes*” (1998, p. 24. Grifo nosso). Considerando este cenário, Mack (2006, p. 15) comenta que desde os primórdios da ciência “*a psicologia e o cristianismo são antagônicos*”, e que a religião tinha toda razão em estar “*desconfiada*” da psicologia, pois ela “*se enquadrava perfeitamente em uma era cada vez mais secularizada [...] e já havia sido aceita pelo pensamento popular como ciência completamente habilitada*” (2006, p. 16. Grifo nosso). Assim, o antagonismo expresso pela Religião em relação à ciência de um modo geral atingiu particularmente o campo da Psicologia.

Russel e Wegter-McNelly, entretanto, considerando a relação entre estes dois domínios atualmente, alegam que *“a ciência em sua melhor forma e a teologia em sua melhor forma buscam a verdade”* (2003, p. 63. Grifo nosso), e que neste sentido Religião e Psicologia podem se aproximar. De alguma maneira, ambas já vêm fazendo isso. É com esta compreensão que Johnson, nos anos 1990, presidente da Sociedade Teológica Católica dos Estados Unidos, pediu um envolvimento teológico e filosófico renovado com as ciências, para restaurar a plenitude da visão e reconduzir a Religião a uma comunhão construtiva com as comunidades científicas. Esta solicitação estava em harmonia com a declaração de João Paulo II, ao dizer que *“a ciência pode purificar a religião do erro e das superstições; a religião pode purificar a ciência da idolatria e dos falsos absolutos. Cada uma delas pode levar a outra a um mundo mais amplo, um mundo em que ambas possam florescer”* (apud BARBOUR, 2004, p. 32. Grifo nosso).

Entender como a ciência, particularmente a Psicologia, e a Teologia podem de fato interagir de modo que uma possibilite algo de valor à outra, é desafiador, e esforços têm sido feitos para que esta relação seja entendida, para que as diferenças sejam percebidas e as semelhanças levadas em consideração. Para Roth (2004), isto não é impossível, pois, apesar da aparente dicotomia existente entre os dois domínios, há uma harmonia razoável entre eles. Para este estudioso, facilitaria esta harmonia *“evitarmos nos basear em conjecturas e prestar atenção particular aos pontos mais sólidos de apoio que possamos encontrar”* (2004, p. 324. Grifo nosso).

É com este propósito que Russel e Wegter-McNelly (2003) apresentam e analisam a tipologia de Barbour como resultado de um esforço para compreender esta mútua interação.

Para Barbour (2004), existem quatro tipos de relações entre a ciência e a religião. O primeiro tipo ele identifica como sendo de conflito. Este conflito diz respeito ao materialismo científico e ao literalismo bíblico. Para o materialismo científico o mundo é composto somente de matéria, e não há espaço para uma dimensão espiritual e para Deus. A ciência é considerada a única maneira de se obter todo e o verdadeiro conhecimento, diferentemente da teologia, que, nessa visão, não apresenta conhecimentos confiáveis sobre o mundo e o ser humano. Assim, *“se as únicas entidades reais são aquelas de que trata a ciência, então a ciência é o único meio válido de conhecimento”* (BARBOUR, 2004. Grifo nosso). Por sua vez, o literalismo bíblico apregoa que a Bíblia deve ser entendida literalmente, não sendo necessário nenhum tipo de interpretação de seus escritos, e que só ela oferece o verdadeiro conhecimento acerca do mundo, da humanidade e de Deus. Considera-se ainda que muitas vezes a ciência é um desafio à fé bíblica. Estas posturas resultam em uma relação de conflito entre ciência e religião.

O segundo tipo de relação existente entre a ciência e a religião, de acordo com

Barbour (2004), é a independência, ou seja, ciência e teologia são vistas como domínios totalmente separados. Ele aponta que ciência e teologia empregam métodos que se contrastam e linguagens que se diferenciam, e, portanto, estão afastadas uma da outra, isoladas entre si, o que evita que haja conflito entre ambas, mas tampouco possibilita qualquer interação ou diálogo. Ele considera que o método da ciência é objetivo e a ênfase da teologia, a Religião, é subjetiva, pois a ciência se baseia em fatos e a Religião em valores. Para ele, a linguagem científica refere-se à maneira como as coisas são no mundo, e a religiosa descreve a crença e a esperança, logo, são diferentes e estão separadas.

O terceiro tipo de relação proposto por Barbour (2004) é a do diálogo. Nesta relação, ciência e teologia reconhecem seus limites, bem como o campo em que cada uma atua. Contudo, a ciência busca encontrar na religião informações para a elaboração de respostas para questões que não podem ser respondidas apenas no âmbito do saber, e, a religião busca solidificar a fé com dados apresentados pela ciência acerca do existir humano e do mundo. Assim, ambas envolvem suas comunidades para que trabalhem juntas, usando a razão bem como valores que cada uma pode compartilhar, na busca do saber.

Por fim, integração é o quarto tipo de relação entre ciência e religião, para Barbour (2004). Nesta forma de relação, do ponto de vista da religião há três versões distintas: a teologia natural, a teologia da natureza e a síntese sistemática. A teologia natural se empenha em conhecer a Deus a partir do mundo e das coisas naturais existentes. Busca descobrir algo a respeito de Deus a partir dos elementos naturais. A teologia da natureza, por sua vez, se empenha no conhecimento de Deus a partir dela mesma, contudo, incorporando em seu saber as descobertas da ciência, chegando mesmo a reformular-se à luz destas descobertas. Já, a síntese sistemática é uma combinação, em uma só estrutura, de teologia e ciência, e conceitos de uma área e outra são usados de maneiras similares, tanto em teorias e pesquisas teológicas quanto em teorias e pesquisas científicas.

Russel e Wegter-McNelly (2003, p. 48) ainda destacam a tipologia elaborada por Haught, que também propõe quatro tipos de relações entre a ciência e a religião. Os três primeiros tipos que Haught propõe se assemelham aos três primeiros propostos por Barbour, contudo, o quarto tipo por ele identificado como “confirmação” sugere uma relação entre ciência e religião a partir da filosofia. Para Haught “*há importantes pressupostos filosóficos subjacentes à ciência que tem suas raízes na teologia*” (RUSSEL; WEGTER-MCNELLY, 2003. Grifo nosso).

Wulff (1997) também sugere quatro tipos de atitudes que representam a maneira como a religião pode ser considerada. São iniciativas básicas que implicam em aproximação - *inclusão da transcendência* - ou distanciamento - *exclusão da transcendência* - na relação entre ciência e religião.

A primeira atitude é a *afirmação literal*. Neste tipo de procedimento estão incluídos aqueles que entendem que todas as referências religiosas devem ser consideradas literalmente, permitindo que haja alguma aproximação com o conhecimento oferecido pela ciência apenas quando tal conhecimento estiver em conformidade com suas crenças. Por exemplo: “*Eles não querem ouvir que suas histórias são lendas, ou que a razão de ser de sua fé emergiu apenas da consciência da igreja primitiva*” (1997, p. 635. Grifo nosso). Desse modo, valorizam o transcendente e se apropriam daquilo que é doado pela *revelação*, tomando-o ao “pé da letra”.

O segundo tipo apresentado por Wulff é o de *negação literal*. À semelhança daqueles que assumem a atitude anterior, estes também aceitam que a linguagem religiosa deve ser entendida de uma maneira literal, contudo “*diferem daqueles por rejeitarem qualquer coisa que seja dito ou escrito*” (1997, p. 636. Grifo nosso) nesta linguagem religiosa. Ancona-Lopez comenta que nessa atitude “*o racionalismo é absolutizado, [e] os princípios formais de conhecimento são hipervalorizados*” (ANCONA-LOPEZ, 1999, p. 79. Grifo nosso), assim, o conteúdo religioso é desconsiderado, e devem ser eliminados ou apropriados pela ciência para serem esclarecidos racionalmente.

Os dois últimos tipos de atitudes sugeridas por Wulff são o da *interpretação redutiva* e o da *interpretação restauradora*. A interpretação redutiva “*nega a realidade da transcendência referente à linguagem e prática religiosa*” (1997, p. 638. Grifo nosso). Aqueles que se posicionam neste modo entendem que a religião é apenas uma prática social excluída do contexto científico no qual a humanidade está agora inserida. Ancona-Lopez explica que com esta atitude “*o objetivo é transformar ou eliminar o campo religioso, reduzindo-o a outras áreas*” (1999, p. 80. Grifo nosso). Busca-se, então, um cunho explicativo para cada fenômeno, inclusive para a experiência religiosa.

Por fim, a interpretação restauradora, conforme sugerida por Wulff (1997), é um tipo de atitude que possibilita àqueles que assim se posicionam assumirem sua postura acerca do âmbito religioso de modo a incluí-lo adequadamente no seu universo pessoal e cultural. Isso significa não reduzir a importância da religiosidade a meros termos explicativos por parte da ciência, nem colocar a religião num patamar extremo de exclusividade e superioridade. Ancona-Lopez considera que os indivíduos nesta posição examinam “*criticamente crenças e envolvimento, reveem objetivos e valores introjetados e reinterpretam histórias e símbolos evocativos, permitindo a emergência de novas perspectivas*” (1999, p. 81. Grifo nosso). Quando ciência e religião consideram tal atitude, é possível a um e outro domínio a percepção de múltiplas posições e perspectivas, bem como a aceitação de uma aproximação respeitosa que permita a ambos se beneficiarem pelo que cada um oferece.

Wulff, considerando o atual contexto da pós-modernidade, entende que o

encontro entre ciência e teologia tem ao seu dispor um ambiente propício e favorável, pois ambas estão, agora, inseridas numa época em que “*não existem pontos de vista privilegiados*” (1997, p. 9. Grifo nosso) Para ele, isso decorre porque o pós-modernismo permite uma ampla variedade de pontos de vista, ao invés de uma única visão fixa e estabelecida, o que torna significativo todos os modos de conhecimentos, tanto os científicos quanto os religiosos. Com tal contexto, este autor considera que ciência e a teologia podem ser parceiros no desenvolvimento do conhecimento acerca da realidade humana, pois este conhecimento pode se dar tanto “*por meio da revelação religiosa como pelo esforço da razão humana e métodos científicos*” (1997, p. 9. Grifo nosso).

Contudo, isto não significa que a ciência deve se tornar teologia, ou ser compreendida como sendo religiosa, ou que a teologia deve ser científica para que seu conhecimento tenha validade. Esta distinção é necessária, particularmente quando se pretende compreender uma aproximação entre a psicologia e a teologia. Comentando sobre este cuidado necessário, Ancona-Lopez alerta que é preciso “*evitar o reducionismo de uma e de outra, e manter um equilíbrio entre as áreas, respeitando suas especificações*” (2002, p. 78. Grifo nosso).

Por sua vez, Pargament (2002) deixa transparecer a noção de que a psicologia não possui todos os recursos para lidar com todas as questões humanas, valendo o mesmo para a teologia. Assim, psicologia e teologia precisam se empenhar para uma relação de “complementaridade”, apela Carreira (2004, p. 30), visto que ambos os domínios cuidam apenas de aspectos parciais do homem.

Uma psicologia que se dedica a esta relação não precisa se tornar menos científica ou abandonar os parâmetros da ciência. Quando a psicologia se dedica a dar atenção ao aspecto religioso do homem, ela pode fazer isto servindo-se de seu próprio método como ciência humana. Desta maneira, pode compreender os fatos tais como se apresentam, compreender como os indivíduos agem em relação à sua religião, quais as características e motivações para as práticas religiosas específicas, bem como considerar os significados de suas práticas e de suas experiências religiosas.

Jones (2002) também salienta duas maneiras importantes pelas quais psicologia e teologia interagem. Uma delas é a produção de conhecimentos sobre a psique humana que a psicologia possibilita, e que são úteis para o líder religioso, servindo como referências para seu trabalho. Bruscajin comenta, por exemplo, que “*o campo do aconselhamento espiritual emergiu com sua tentativa de trazer os achados da psicologia para o âmbito religioso*” (2004, p. 21. Grifo nosso). Para esta autora, esse movimento ajudou o processo de aproximação entre a psicologia e a religião. A outra maneira de interação entre psicologia e religião que Jones (2002) também considera é o uso de conhecimentos psicológicos para revisar, reinterpretar, redefinir ou avaliar criticamente atitudes religiosas já estabelecidas oriundas de um conhecimento sustentado pela

teologia.

Sendo assim, pode-se considerar que a aproximação entre psicologia e teologia colabora para consolidar a prática de atender o ser humano em sua integralidade. Esta constatação permite perguntar: Para os líderes religiosos, há algum significado nesta parceria? Haveria alguma contribuição para a sua prática eclesial?

## **SIGNIFICADOS E EFEITOS DA RELAÇÃO ENTRE PSICOLOGIA E TEOLOGIA NA PRÁTICA PASTORAL**

Em uma pesquisa realizada com líderes religiosos, Oliveira (2010) identificou importantes significados apresentados pelos participantes da pesquisa acerca da importância do ensino da psicologia em sua formação teológica, e quais os efeitos desta relação psicologia-teologia em seu trabalho pastoral.

### **O Trabalho Pastoral**

Inicialmente, todos os participantes disseram estar satisfeitos com o tipo de atividade que realizam. Poderiam ter seguido qualquer outra atividade profissional, se quisessem, mas não conseguem se imaginar em nenhuma outra, pois todas perdem o sentido diante da convicção e do prazer que sentem em ser pastor. White afirma que as pessoas que se decidem pela atividade pastoral “*são pessoas que escolheram a vontade de Deus*” (1993, p. 215. Grifo nosso). Para estes participantes, ser pastor significa terem sido escolhidos por Deus para essa tarefa.

### **Objetivos de Seu Pastorado**

Oliveira (2010) comenta que os entrevistados assumiram que se tornaram pastores com a intenção de alcançarem quatro objetivos específicos: amar as pessoas, falar-lhes sobre Deus, estimulá-las a buscarem uma relação com Deus, e apresentar às pessoas a mensagem do evangelho conforme ensinado na Bíblia.

Estas intenções evidenciam o interesse em dar atenção à dimensão espiritual do ser humano. A maneira como reconhecem a importância da espiritualidade e da religiosidade para a constituição humana faz lembrar a afirmação de Amatuzzi (2008), quando declara que o ser humano é multidimensional e que não é possível compreender todas as suas questões se não se der atenção também à dimensão espiritual, além da corporal, biológica, social e psíquica. Isto porque, de acordo com esse autor, “*estas dimensões mais básicas do ser humano são influenciadas pela dimensão espiritual*” (2008, p. 15. Grifo nosso).

## O Fazer na Ação Pastoral

Os entrevistados disseram que buscam atender a dimensão espiritual das pessoas por meio das práticas que promovem. Eles consideram que é por meio das orações, da liturgia, dos diversos rituais, e de outras tarefas que realizam como os sermões, aconselhamentos, estudos dirigidos da Bíblia, e outras, que cumprem o propósito básico de seu pastorado. Para eles isso proporciona às pessoas o aprendizado que elas necessitam para o crescimento espiritual e para o fortalecimento da relação com Deus.

Oliveira (2010) explica que esta compreensão aproxima-se da ideia de Johnson (1955). Esse autor considera que é por meio da religião e de suas práticas que o homem é religado ao sagrado, e que tal encontro dá sentido à sua existência. Este pensamento também é compartilhado por Pargament, para quem “*diferente de outras instituições pessoais e sociais, o mundo religioso envolve a busca pelo significado em poderes maiores, em divindades*” (2002, p. 216. Grifo nosso), e os ritos atendem às expectativas dessa busca por esse significado, à medida que por meio deles o indivíduo se sente conectado a essas divindades. Frankl, por sua vez, explica que “*a religião é a consciência que o homem tem da existência de uma dimensão sobre-humana*” (1990, p. 199. Grifo nosso), e da possibilidade de se relacionar, por meio dela, com esta dimensão divina.

Contudo, é principalmente no contato pessoal com os fiéis que os entrevistados disseram sentir que estão atingindo o seu objetivo enquanto pastores. Para eles, é nesse contato pessoal que de fato alcançam seus objetivos de promoverem o encontro do ser humano com Deus, entretanto, é nesse contato individual que percebem que as pessoas possuem outras necessidades além das necessidades espirituais, e que estas necessidades também precisam de atenção.

## Sentimento de Ineficiência

Quando estes pastores se dispõem a dar atenção individual às pessoas, e a atendê-las em suas necessidades, percebem muitas outras questões na vida delas que vão além da dimensão espiritual. São questões como problemas familiares, doenças, dificuldades financeiras, decisões que precisam tomar sobre diversos assuntos, entre outras.

Para muitas pessoas, o pastor e as suas orientações são referências para as atitudes que tomam em suas vidas. Elas decidem o que fazer e agem com base nas orientações que recebem do seu líder religioso. Pisaneschi comenta que as pessoas ativamente religiosas muitas vezes não fazem distinção entre o que é de ordem espiritual e o que é inerente a outras dimensões, como a psicológica, por exemplo. Por essa razão, elas entendem o líder religioso como “*alguém capacitado para resolver todos os seus problemas*” (2009, p. 16. Grifo nosso), e, com esta concepção, o buscam para todo tipo de conselho.

Muitas vezes, os pastores são procurados porque as pessoas veem neles um representante de Deus, e ouvi-los é como ouvir Deus aconselhando-os. Althusser (2001) e Torresan (2007) comentam que no âmbito religioso “a voz do padre, do pastor ou pregador é a voz de Deus” (p. 96), pois eles são considerados Seus representantes na Terra. Logo, são vistos como merecedores de total confiança, capacitados para atender qualquer questão, autoridades sobre os diversos temas da vida.

Contudo, não é exatamente dessa forma que entrevistados disseram se sentir. Quando são procurados pelas pessoas que desejam ser orientadas sobre questões pessoais que ultrapassam o âmbito da religiosidade, eles consideram que precisam de conhecimento específico. Atendendo as pessoas, eles se sentem incapazes de dar a elas, satisfatoriamente, aquilo que elas vêm buscar. Percebem que o aparato religioso não é suficiente para resolver todas as questões e, se sentem sem recursos para dar conta do que lhes é apresentado. Eles consideram que a fé, as orações, a Bíblia e os rituais religiosos são importantes, mas, que o ser humano, com todas as suas dimensões, precisa de outros recursos que eles sentem não possuir. Então, entendem que os recursos da psicologia seriam importantes nestas situações (OLIVEIRA, 2010).

### **Recursos na Psicologia na Prática Pastoral**

Os participantes da pesquisa manifestaram o desejo ter os conhecimentos e recursos que a psicologia oferece para lidar com o ser humano. Desejam saber as técnicas, conhecer os instrumentos, e desenvolver a capacidade de manuseio que um psicólogo tem quando lida com as questões humanas. Além disso, as diversas abordagens da psicologia ajudam a ampliar a concepção sobre o ser humano e complementar o que a teologia já lhes havia oferecido. Oliveira (2010) considera que para eles essa formação seria importante para que a prática pastoral fosse mais eficiente.

Collins diz que é importante que líderes religiosos se interessem por adquirir esses recursos da psicologia. Para este autor, um líder religioso “*que conhece as Escrituras, ora e busca a orientação do Espírito de Deus, pode se beneficiar do conhecimento da psicologia e da técnica de aconselhamento, bem como de outras ferramentas úteis para o seu ministério*” (2002, p. 61. Grifo nosso).

Buscar a formação em psicologia e os seus recursos não significa falta de confiança em Deus, nem falta de fidelidade a Ele, antes, significa valorizar outros meios colocados por Deus à disposição do ser humano para a promoção do seu bem-estar. Isso reflete as considerações que White faz quando, escrevendo sobre o bem-estar humano, diz que

*O grande e compassivo coração de Cristo está sempre a identificar-se com a humanidade sofredora [...] e é mediante os esforços combinados da ação humana [referindo-se a profissionais da área da saúde] com as providências de Deus que os enfermos devem ser curados* (1991, p. 51 e 12. Grifo nosso).

Para esta autora, toda ação feita em favor do bem-estar de alguém deve utilizar cada recurso disponível. Os recursos da dimensão espiritual beneficiam outras dimensões humanas, mas, não descartam outros disponíveis. White acrescenta que

*“Os recursos religiosos cumprem seu propósito de amparo, alívio e esperança quando o coração humano é tocado por infortúnios, mas isto não implica que outros meios disponíveis sejam descartados, antes, cada recurso que propicia apoio ao ser humano deve receber seu devido reconhecimento”* (2005, p. 34. Grifo nosso).

Semelhantemente, Scheffel (2010) diz que

*temos hoje um acervo extraordinário de recursos, e Deus certamente não deseja que desprezemos estes recursos, trocando-os pela oração, e esperando de braços cruzados que Ele faça tudo enquanto não fazemos nada. É preciso unir a ajuda humana com a divina, em vez de optar por uma com exclusão de outra* (2010, p. 278. Grifo nosso).

## **Psicologia no Ensino de Teologia**

Para os entrevistados, de acordo com Oliveira (2010), todo estudante de teologia deveria ter no mínimo um conhecimento básico em psicologia, e esse conhecimento já deveria ser oferecido no seminário. A maior parte dos participantes da pesquisa reconheceram não terem recebido preparo suficiente no seminário para lidar com os problemas das pessoas. Tiveram uma ou outra disciplina voltada para temas da psicologia, mas nenhuma que lhes proporcionasse preparo para atender as pessoas individualmente, e dar-lhes o devido suporte em assuntos não religiosos. Discorrendo sobre a formação de líderes religiosos cristãos no Brasil, Benelli comenta que

*conhecer e dominar os diversos aspectos dos saberes teológicos – bíblicos, espirituais, dogmáticos, morais e pastorais – parece-nos um elemento importante na produção da subjetividade do futuro clero. Mas, [o que se percebe, é] a distância que há entre uma preparação formal e intelectual e a vida concreta do sacerdote em pleno exercício do seu ministério* (2008, p. 206. Grifo nosso).

Isso foi o que ocorreu na experiência de formação teológica dos entrevistados por Oliveira (2010), pois eles declararam que todo o foco de estudos que receberam nessa formação esteve voltado para o âmbito da religiosidade, para o estudo exegético da Bíblia, bem como para o aprendizado da realização dos ritos e cerimônias. Eles entendem que esta é a função de um seminário teológico, e dizem que era isso mesmo que eles buscavam. Contudo, perceberam na prática pastoral que as necessidades humanas, bem como a expectativa das pessoas em relação a eles, ultrapassam o âmbito religioso, e que

a formação teológica que receberam não os preparou para lidarem com estas outras situações. Repetindo o que disse Benelli, “na vida concreta do sacerdote em pleno exercício do seu ministério, a religião é importante, mas não é tudo” (OLIVEIRA, 2010. Grifo nosso).

Como afirma Amatuzzi,

*[...] o ser humano é multidimensional [e isso] significa dizer que não se pode abarcar toda sua complexidade com um único tipo de olhar. Como corpo físico, o homem pode cair e quebrar uma perna. Como organismo vivo, é um sistema articulado com unidade e dinamismo próprios. Como ser psíquico tem seus esquemas de funcionamento cognitivo, emocional e motivacional. Como ser espiritual pode pensar significativamente, pode dizer não aos desejos, pode definir seu rumo de vida, pode abrir-se para o infinito. O ser humano tem a capacidade de pensar a si mesmo situando-se em um todo* (2008, p. 15. Grifo nosso).

Essa compreensão lembra o que comenta White (1991) sobre a interação das diversas dimensões humanas, quando diz que

*há uma íntima relação entre a mente e o corpo, [por isso] o corpo precisa ser cuidado atentamente, a fim de que seja conservado em condições sadias, e a mente precisa ser disciplinada cuidadosamente, a fim de que não se encontre indevidamente em alguns pontos e insuficientemente em outros. Ambos precisam de atenção, pois ambos exercem influência sobre o outro, [e aliados] à vida de Deus na alma implantam alegria e bem-estar* (1991, p. 381, 376. Grifo nosso).

### **Efeitos dos Recursos da Psicologia no Trabalho Pastoral**

Os entrevistados por Oliveira (2010) foram pastores que buscaram uma formação em psicologia após a formação em teologia. Para eles, a psicologia tornou-se uma aliada, uma companheira. Antes, alguns até tinham reservas, receio, e até alguma aversão por ela. À semelhança de outros líderes cristãos, eles entendiam que os conhecimentos da psicologia não se ajustavam à religião, e que pessoas religiosas não encontravam nenhum proveito nesta ciência. Collins (2002) comenta que muitos cristãos consideram precipitadamente que a psicologia se opõe à religião, e que por causa disso muitos a desprezam e a rejeitam, entretanto, para este autor, “quando jogamos fora a psicologia, descartamos um campo de conhecimento que Deus nos permitiu descobrir e usar em nosso benefício” (2002, p. 62. Grifo nosso).

Mas, mesmo aqueles que durante muitos anos desprezaram os benefícios que a psicologia pode oferecer ao ser humano, agora pensam e agem de modo diferente. Para eles a psicologia é uma “grande parceira (sic)” (OLIVEIRA, 2010, p. 144. Grifo nosso). É interessante notar que os entrevistados que buscaram formação em psicologia não se sentem menos pastores porque buscaram formação fora da teologia. Ao contrário,

reconhecem que ao buscarem essa formação se tornaram mais eficientes em seu pastorado, pois agora se sentem “*muito mais preparados, muito mais qualificados do que antes*” (sic) (2010, p. 145. Grifo nosso). Afirmaram, também, que em nenhum momento se sentiram estimulados a abandonar o seu trabalho religioso para se dedicarem apenas à psicologia. Estão felizes em serem pastores, e entendem que foi para isto que Deus os chamou.

## CONCLUSÃO

O ensino de disciplinas da área da psicologia na formação teológica por certo produziria benefícios ao futuro pastor. Essa ideia faz lembrar Collins (2002), quando diz que o conhecimento da psicologia

*pode ser muito útil, pois o pastor e o padre aprendem como escutar, como responder, como lidar com a ira ou resistência dos aconselhados e como focalizar a atenção naquilo que é mais importante. Um conhecimento básico de psicologia também pode, por exemplo, ajudar no trato com depressão, conflitos, tensão matrimonial, situações de abuso, ira... (2002, p. 61. Grifo nosso).*

Ainda citando Collins (2002), há interesses comuns suficientes para a aproximação entre a psicologia e a teologia. Para ele, se alguns líderes religiosos cristãos ainda têm algum preconceito em relação à psicologia, é porque não se preocupam em discernir “*o que é e o que não é de valor e consistente com as Escrituras [Bíblia], e com frequência acabam descartando o campo inteiro da psicologia por causa de algumas partes*” (2002, p. 63. Grifo nosso).

White (1989) também comenta que é possível encontrar elementos que harmonizam o conhecimento da psicologia com o conhecimento religioso bíblico. Para esta autora, importantes princípios da psicologia estão inseridos nos ensinamentos e nas orientações escritas na Bíblia, o principal livro de referência das pessoas cristãs e da teologia.

De fato, psicologia e teologia podem ter uma relação de harmonia, pois em muitos aspectos os interesses da psicologia não diminuem a importância dos ensinamentos da teologia, haja vista o significado que os participantes da pesquisa de Oliveira (2010) apresentaram aos benéficos efeitos da introdução dos recursos da psicologia em suas ações pastorais.

A propósito deste posicionamento dos entrevistados, é possível lembrar as palavras de Bailey e Koeppe, quando dizem que

*O campo da psicologia cresceu e mudou ao longo dos anos, e também a postura da religião tem mudado. Nos tempos modernos uma mudança na atitude sobre religião pela psicologia tem sido observada... [e] a dimensão espiritual tem sido reconhecida como crucial para a inteira composição de*

*um ser humano. Por sua vez, a religião tem tomado uma posição de aceitação da psicologia* (2010, p. 63 e 48. Grifo nosso).

Esta atitude de respeito é importante para que tanto a psicologia quanto a teologia compreendam a importância um do outro, e valorizem o trabalho que seus respectivos representantes fazem. Tal atitude de respeito pode possibilitar à teologia a compreensão de que a psicologia oferece conhecimentos científicos adquiridos ao longo do tempo por meio de suas pesquisas e estudos, e à psicologia possibilita a compreensão de que a teologia oferece informações importantes sobre a dimensão espiritual e de como ela é significativa para o ser humano. Assim, o psicólogo poderá estar preparado para entender a experiência religiosa na vida das pessoas, e atendê-las respeitando o significado desta experiência para elas, e o líder religioso, quanto mais aproveitar o conhecimento que a psicologia lhe oferece, melhor vai conhecer o ser humano, e mais apto estar para ajudá-lo.

Cooper comenta que *“toda atividade que adiciona qualidade e profundidade à vida [deve] encontrar seu lugar na vontade e nos propósitos”* (2010, p. 9. Grifo nosso) dos que trabalham em favor do ser humano. Psicologia e teologia são dois domínios que auxiliam o ser humano, e este é o propósito de um e de outro, e por certo, agindo em comum interesse, ambos podem tornar este auxílio mais efetivo. É isso que o ensino de disciplinas ligadas à psicologia pode proporcionar ao estudante de teologia. Como afirmam Bailey e Koeppe, *“integrar os melhores princípios da psicologia com aqueles das escrituras (Bíblia)”* (2010, p. 67. Grifo nosso), só auxilia as pessoas a terem melhor qualidade de vida.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos de Estado*. Rio de Janeiro: Graal, 2001. Apud PETEAN, Antonio Carlos Lopes. “O sujeito e a (ilusão) da reversibilidade no discurso religioso da Igreja Universal do Reino de Deus”. In: **Revista Eletrônica Labirinto**. Ano V nº 8. Porto Velho: Universidade Federal de Rondônia, julho-dezembro 2005.

AMATUZZI, Mauro Martins. “Experiência religiosa, psicoterapia e orientação espiritual”. In: BRUSCAGIN, Cláudia et al (Org.). **Religiosidade e Psicoterapia**. São Paulo: Roca, 2008. p. 9-17.

ANCONA-LOPEZ, Marília. “Psicologia e religião: Recursos para construção do conhecimento”. In: **Revista Estudos de Psicologia**. v. 19 n 2. Campinas, SP: Pontifícia Universidade CATÓLICA, maio-agosto 2002. p. 78-85.

AUSUBEL, David P. “Religion and psychology”. In.: **Catholic Social Science Review**. v. III New York: Society of Catholic Social Scientists, 1998. p. 125-134.

ÁVILA, Antonio. **Para Conhecer a Psicologia da Religião**. São Paulo: Loyola, 2007.

BAILEY, Rudolph N. e KOEPPE, Kristy. “A igreja Adventista do Sétimo Dia, a psicologia e o aconselhamento”. In.: COSTA, Noel José Dias e BARBALHO, Tercia Pepe (Org).

**Psicologia, Espiritualidade e Qualidade de Vida:** Uma abordagem integrativa. São Paulo: UNASP - Centro Universitário Adventista, 2010. p. 47-71.

BARBOUR, Ian G. **Quando a Ciência Encontra a Religião.** São Paulo: Cultrix, 2004.

BENELLI, Silvio José. “Estudo psicossocial de um seminário teológico: A formação do clero católico em análise”. In.: **Revista Estudos de Psicologia.** v. 13 n 3, Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, set-dez 2008. p. 203-211.

BRUSCAGIN, Claudia B. Sob a Proteção de Deus: Famílias cristãs na fase adolescente. Tese de doutorado. Programa de estudos pós-graduados em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 2004.

BRUSCAGIN, Claudia B. “Família e religião”. In: **Família e...:** Comunicação, Divorcio, Mudança e Resiliência. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

CARREIRA, Manuel S. J. **Ciência e Fé:** Relações de complementaridade? Madrid, Espanha: Voz de Papel, 2004.

COLLINS, Gary R. “Psicologia com teologia e teologia com psicologia”. In.: **Revista Ultimato.** nº 275 Viçosa, MG: Editora Ultimato, mar-abr 2002. p. 61-63.

COOPER, Lowell C. “Em nome de Jesus: Refletindo o ministério dinâmico de uma vida gasta no ensino e na cura”. In.: **Revista Adventist World.** vol. 6, nº 6. Maryland, USA: Review and Herald Publishing, junho de 2010. p. 8-9.

FRANKL, Viktor E. **Psicoterapia para Todos.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

HURDING, Roger F. **A Árvore da cura:** Modelos de aconselhamento e de psicoterapia. São Paulo: Vida Nova, 1995.

JOHNSON, P. E. **Psychology of Religion.** Ashville, USA: Abingdon Press, 2000.

JONES, Stanton L. “A constructive relationship for religion with the science and profession of psychology: Perhaps the boldest model yet”. In: SHAFRANSKE, Edward P. (Org). **Religion and the Clinical Practice of Psychology.** Washington-DC, USA: American Psychological Association, 2002. p. 113-144.

MACK, Wayne A. **Introdução ao aconselhamento bíblico.** São Paulo: Hagnos, 2006.

MASSIMI, Marilia e MAHFOUD, Miguel. “Abordagens psicológicas à experiência religiosa: traçando a história”. In.: **A Psicologia e o Senso Religioso:** Anais do seminário. Ribeirão Preto, SP: SALUS - Associação para a saúde, 1997.

OLIVEIRA, Mérlinton P. de. **Líderes religiosos cristãos e a formação em psicologia:** Os significados da busca pela formação em psicologia e seus efeitos na prática eclesial. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica (PUC), São Paulo, 2010.

PARGAMENT, Kenneth I. “Religious methods of coping: Resources for the conservation and transformation of significance”. In: SHAFRANSKE, Edward P. (org). **Religion and the Clinical Practice of Psychology.** Washington-DC, USA: American Psychological Association, 2002. p. 215-239.

PRIMON, Ana Lucia de Mônaco et al. “História da ciência: Da idade média à atualidade”. In: **Psicólogo Informação.** Ano 4 nº 4, São Paulo: Editora Metodista, jan-dez 2000. p. 35-51.

PISANESCHI, Vandro. **Contribuições do Aconselhamento Psicológico para a Prática da**

**Direção Espiritual.** Dissertação de mestrado. Programa de pós-graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 2009.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. "Religião e psicologia". In: HOLANDA, Adriano (org). **Psicologia, Religiosidade e Fenomenologia.** Campinas, SP: Editora Alínea e Editora Átomo, 2004. p. 11-36.

ROTH, Ariel A. **Origens:** Relacionando ciência com a Bíblia. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

RUSSEL, Robert John e WEGTER-McNELLY, Kirk. "Ciência e teologia: Interação mútua". In: PETERS, Ted e BENNET, Gaymon (Org.). **Construindo Pontes Entre a Ciência e a Religião.** São Paulo: UNESPE e Loyola, 2003. p. 45-63.

SCHEFFEL, Rubem M. **Com a Eternidade no Coração.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2010.

TORRESAN, Jorge Luis. "A Manipulação no discurso religioso". In.: **Revista Dialogia.** v. 6 São Paulo: UNINOVE, 2007. p. 95 - 1005.

WHITE, Ellen G. **Mente, Caráter e Personalidade.** 2 vols. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1989.

\_\_\_\_\_. **Medicina e Salvação.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1991.

\_\_\_\_\_. **Serviço Cristão.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1993.

\_\_\_\_\_. **Paulo:** O apóstolo da fé e da coragem. Campinas, SP: Certeza Editorial, 2005.

WULFF, David M. "The psychology of religion: An overview". In: SHAFRANSKE, Edward P. (org). **Religion and the Clinical Practice of Psychology.** Washington-DC, USA: American Psychological Association, 2002. p. 43-70.

\_\_\_\_\_. **Psychology of Religion: Classic & Contemporary.** New York, USA: John Wiley & Sons, Inc., 1997.